

12º. Domingo depois de Pentecostes Próprio 17

1ª leitura (Antigo Testamento) - Deuteronômio 4.1-9

O Livro do Deuteronômio é fruto de um longo processo redacional que vai desde a segunda metade do século 10º até a época do sacerdote Esdras (século 3º). Shigeyuki Nakanose (RIBLA # 23; p.176 – 193) indica que o capítulo 4 faz parte de um discurso introdutório à obra como um todo (1,1 – 4,40). Sabemos que a introdução e a conclusão (onde se relata a morte do próprio Moisés, Dt 34) são as últimas partes a ser redigidas numa obra por isso concordamos em que este discurso tenha sido re-trabalhado pelos redatores finais do Deuteronômio por volta do ano 450 a.C. assim como seu capítulo final.

No seu primeiro versículo (*"Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para os cumprirdes, para que vivais, e entreis, e possuais a terra que o SENHOR, Deus de vossos pais, vos dá."* - Almeida), Moisés se encontra numa posição semelhante à posteriormente assumida por Esdras, impondo em Israel uma nova ordem sacerdotal a partir da rigorosa observância da lei. Há um paralelo entre esta passagem e Esdras 7:10: *"Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a Lei do SENHOR, e para a cumprir, e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos"* (Almeida). As semelhanças ficam evidentes no uso das palavras hebraicas: *"lehashot"* (*"para cumprir"*), o verbo *"lamad"* (ensinar) e finalmente em *"mishepatim"* (que aqui é traduzido como *"juízos"* que a TEB traduz como *"costumes"*). Uma diferença é o uso de *"hukim"* em Dt e *"torat"* em Esd para se referir aos estatutos ou à lei. Segundo indicam estudos posteriores a palavra *"Torah"* para lei só foi usada no pós-exílio sendo que antes servia para denominar *"ensinamentos"*. É muito provável que Esdras tenha se apropriado desta introdução deuteronômica para justificar o sistema legal pós-exílico.

Do ponto de vista estritamente deuteronômico, o ensinamento dos estatutos e costumes (*como preferimos traduzir no lugar de "juízos"*) é o instrumento para atingir o fim que é a vida na terra (Dt 4:1b e 5b). Para Esdras a obediência à lei era um fim em si mesma, pois nela, e somente nela, se justificava o poder sacerdotal. O exemplo de Baal-Peor (v.3) parece ter sido usado na época do pós-exílio para causar medo e até justificar a morte dos que não se submetiam voluntariamente à lei sacerdotal (cf. Nm 25:3-5,18) aparecendo só no início e no fim do Deuteronômio (Dt 3:29; 4:3,46 e 34:6). A lei obedecida na base do medo!

A visão pós-exílica da lei carrega a idéia de superioridade em relação aos povos que não obedecem a mesma lei (v.6-8). Esta é certamente uma tentação dos religiosos legalistas que levou a destruir muitas culturas, religiões e a justificar muitas mortes inocentes.

O conflito apresentado no Evangelho deste domingo entre os escribas de Jerusalém e Jesus (especialmente Mc 7,6-7) é esclarecedor em relação a uma lei como fim em si mesma (que não considera a felicidade humana) e uma lei como meio para a vida. (HMG)

2ª leitura (Epístola) - Efésios 6.10-20

A parte final da perícopes que estamos acompanhando parece dizer que durante o tempo que nos resta, a Igreja é exortada a resistir ao mal, porém não nos termos do mal, mas nos termos do Evangelho. Assim, o Evangelho está em primeiro plano. Quem fez uma análise da organização, disposição e ordem e partes do texto, percebeu a seguinte estruturação gráfica. Os versos 11, resistam... e 13, resistam e permaneçam firmes cercam o vs. 12. A nossa luta, de fato, não é contra homens de carne e sangue, mas contra os principados, contra as autoridades e contra os dominadores deste mundo. Para tanto, revistam-se da armadura no vs. 11 e 13. Então, graficamente, vemos os principados, potestades, dominadores (*kosmokrator*) das trevas, depravação ou iniquidade espiritual (*pneumatika poneria*) no centro cercado pela resistência e posicionamento, (permaneçam firmes). Há quem veja nessa metáfora a legião romana com suas armaduras. Conforme João Crisóstomo, a tomada de posição tinha muita importância na tática militar dos romanos. Toda a luta dependia da tomada de posição. Isso valia para os boxeadores e gladiadores.

Que são esses poderes contra os quais demos resistir? Sabemos que não são pessoas históricas, de carne e sangue. Walter Wink vê esses poderes sob três perspectivas: são instituições e estruturas necessárias para o bem da humanidade. Elas se corrompem e destroem as pessoas e suas relações. E elas necessitam da libertação. São poderes supra-pessoais e comunal. A exortação na sua forma organizada em texto coloca esses poderes, (vs12) no centro cercado pela resistência com armadura de Deus como acima foi dito. Aqui é interessante observarmos que a descrição da armadura nos mostra a natureza do poder e a direção da resistência e luta.

Nos versos 10 a 13, lemos: "fortaleçam-se no Senhor e na força do seu poder". Que é esse poder benéfico? No cap. 1.19-20, essa força do poder é aquela que ressuscitou Jesus Cristo e se mostra atuante em favor de nós. Ai está a fonte do poder da resistência cristã.

Nos versos 14 a 17, encontramos a exortação: "permaneçam firmes". Para tanto, é preciso se revestir do cinturão da verdade, da couraça da justiça, e calçar os pés com o zelo para proclamar o Evangelho da paz, (como são belos os pés... Is 52.7 e ver 11.5) e ter sempre à mão o escudo da fé. Temos ai verdade, justiça, paz, fé, salvação. A verdade é a verdade em Jesus, isto é, fundamentalmente, o ato divino encarnacional para a salvação em Jesus Cristo, 1.13. O ato divino encarnacional revela (desmascara ao viver como Jesus viveu) as pretensões dos poderes que escravizam a humanidade. Junto com isso está a proclamação do Evangelho e muita oração. Que é oração? Em poucas palavras, a oração em todas suas formas, seja em ação de graças, seja em súplica é a celebração do ato divino encarnacional (Fp 2). Assim, a oração é fundamentalmente, Jesus Cristo, que veio do Pai e a Ele retornou levando consigo a nossa humanidade, por isso, é nossa participação Nele pelo Espírito Santo.

Tudo isto significa uma coisa: a resistência cristã não pode e não deve espelhar o sistema de dominação vigente no Império. Em Romanos 12.17ss, encontramos essa direção. "Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem." E isso vale sempre como lá e aqui, também.

Nos versos 18-20, para estar firme é preciso estar na dependência de Deus em oração de todas as formas, no poder do Espírito Santo. (ST)

Santo Evangelho: Marcos 7.1-8, 14-15, 21-23

Há muito tempo que toda a humanidade estava preocupada com o surgimento do vírus da AIDS. No início havia uma sensação de certeza no ar, pois ele estava associado com um grupo específico de pessoas, os homossexuais. Depois se percebeu que não havia um grupo de risco, e sim um comportamento de risco. Hoje, qualquer um que não seja cuidadoso em suas relações ou que não tome precauções em transfusões de sangue, é um alvo potencial para o vírus.

Quando se trata de coisas relacionadas à vida espiritual, também corremos o perigo de olhar a realidade de forma equivocada. E é justamente isto que está ocorrendo no texto que acabamos de ler. Jesus está sendo interpelado pelos fariseus sobre o comportamento dos discípulos e, a partir daí, passa a fazer uma série de observações sobre o que é que realmente contamina as pessoas. Para Cristo, a verdadeira contaminação ocorre quando:

Em primeiro lugar, esquecemos do essencial. Segundo o texto sagrado, aqueles homens negligenciavam o mandamento de Deus em função da permanência da tradição. (v.8) Eles estavam acostumados a rejeitar os mandamentos de Deus para reafirmar as tradições humanas (v.9). Por causa dessa inversão de valores, e porque isto implicava em louvar a Deus apenas com os lábios e a adorar em vão (vs. 6, 7) Jesus os chama de hipócritas. Hipócrita é a palavra usada para "ator". Ser hipócrita significa representar um personagem, cumprir um papel. E quando isto se aplica à igreja, nós nos preocupamos muito. Será que não estamos apenas desempenhando um papel na igreja? Será que não nos tornamos apenas tagarelas que dizem da boca pra fora, mas cujos corações estão afastados de Deus?

Em segundo lugar, esquecemos que ela independe de questões externas. Quando os fariseus foram falar com Jesus eles acreditavam que podiam acusar os discípulos de um crime seríssimo. Eles não se lavavam quando retornavam do mercado, quebrando, assim, a tradição. Pela argumentação dos fariseus, os discípulos deveriam ser punidos por causa deste crime dantesco. Jesus pensa de forma diferente. Para ele, o erro dos fariseus foi se apegar a uma dimensão menor da lei: a dimensão externa. Jesus mostra como os mandamentos de Deus estavam sendo sistematicamente deturpados para que se adequassem às conveniências dos fariseus. Era assim com o tratamento dos pais (vs. 10-12). Ainda hoje cometemos os mesmo erros quando julgamos as pessoas pelo exterior, e não olhamos para onde Deus olha. Sim, porque a Bíblia diz que Deus conhece o interior das pessoas. Ele sonda os corações enquanto nós nos contentamos com julgamentos superficiais. Estamos nós vendo a realidade e as pessoas do ponto de vista de Deus? Temos pedido que a visão de Deus seja a nossa visão?

Em terceiro lugar, esquecemos de olhar para nosso interior. Tudo muda quando olhamos para dentro de nós mesmos. Aí encontramos a verdadeira base da contaminação. A contaminação da humanidade não depende do que comemos ou bebemos, depende sim do que sai por nossa boca. (v. 20) De

nossa boca sai o que nutrimos durante toda nossa vida. Os maus pensamentos, a avareza, a malícia, o dolo, a inveja, e tantos outros males, todos eles estão em nosso interior prontos a sair quando dermos lugar à carne. Todos nós, discípulos e fariseus, somos essencialmente contaminados pela presença do pecado em nós. Quando esta verdade é compreendida nossa realidade eclesial muda. Passamos a olhar para a igreja não como uma comunidade de santos e anjos, mas uma comunidade de pecadores e necessitados da graça de Deus. Deixamos, então, de julgar a vida dos outros porque compreendemos que no plano de Deus nós não somos juízes de ninguém, mas testemunhas de Cristo, e que só Deus pode julgar retamente.

A Bíblia diz que Deus procura verdadeiros adoradores para que o adorem. Esta verdadeira adoração não implica apenas na recitação de fórmulas, mas na vida aberta para o outro, independente dos sinais externos de justiça ou não. (JLFA)